DOCUMENTO BIBLIOGRÁFICO

FONTES, TRADIÇÕES E CAMADAS TEXTUAIS

A RAINHA DOS GIGANTES

A Mulher Nefilim Que Sobreviveu ao Dilúvio

Um levantamento das fontes canônicas, apócrifas, rabínicas, talmúdicas, cabalísticas e comparativas do Antigo Oriente Próximo que sustentam a narrativa deste episódio, com a devida distinção entre Escritura, tradição e especulação posterior.

MISTÉRIOS DA BÍBLIA

Documento de apoio ao episódio — uso educacional e referencial

NOTA SOBRE ESTE DOCUMENTO

Este documento reúne, em ordem cronológica de composição, as fontes textuais que embasam o episódio "A Rainha dos Gigantes: A Mulher Nefilim Que Sobreviveu ao Dilúvio". Cada entrada identifica com precisão a natureza da fonte — Escritura canônica, literatura pseudepigráfica do Segundo Templo, manuscrito fragmentário do Mar Morto, midrash clássico, Talmude, literatura cabalística medieval ou estudo filológico comparativo — para que o espectador possa distinguir, a cada momento da narração, o que pertence ao texto revelado e o que pertence à tradição posterior construída sobre ele.

I

Cânone Hebraico — Torá e Livros Históricos

Gênesis 4 e 6; Números 13; Deuteronômio 2–3; 2 Samuel 21

Tradição israelita antiga — redação sacerdotal, javista e deuteronomista

Composição	Categoria	Licença
Texto-base composto entre, aproximadamente, o século X e o século VI a.C.; forma final massorética fixada por volta do século VII–X d.C.	Escritura canônica — Antigo Testamento / Tanakh	Domínio público (texto de origem antiga; traduções modernas variam de licença)

SOBRE A OBRA

Genealogia de Caim com a menção única a Naamá (Gênesis 4:22); relato dos "filhos de Deus", dos Nefilins e do decreto do dilúvio (Gênesis 6:1-8); relato dos exploradores e dos filhos de Anaque (Números 13:32-33); catálogo dos povos gigantes — emins, horeus, zanzumins — e o leito de ferro de Ogue, rei de Basã (Deuteronômio 2:10-11, 20-21; 3:11); os remanescentes gigantes de Gate, incluindo Golias (2 Samuel 21:15-22).

USO NESTE EPISÓDIO

Fornece toda a base canônica do relato: a única menção bíblica ao nome Naamá, a origem dos Nefilins, e a cadeia de testemunhos posteriores sobre gigantes sobreviventes em Basã, Amom, Moabe e nas planícies filisteias, sobre a qual todo o restante do episódio se apoia.

ACESSO GRATUITO / DOMÍNIO PÚBLICO

Texto integral gratuito, com tradução ao português e ferramentas de estudo, disponível em sefaria.org e biblehub.com.

II

Literatura Apocalíptica do Segundo Templo

1 Enoque — Livro dos Vigilantes (capítulos 6 a 16)

Atribuído a Enoque; autoria real anônima, tradição pseudepigráfica judaica

Composição	Categoria	Licença
Estrato mais antigo composto por volta dos séculos III–II a.C.; preservado por completo apenas em ge'ez etíope, com fragmentos aramaicos anteriores encontrados em Qumran	Pseudepigrapha do Segundo Templo	Domínio público (tradução de R. H. Charles, 1917, e edições subsequentes de domínio público)

SOBRE A OBRA

Narra o juramento dos duzentos Vigilantes no monte Hermom, liderados por Semyaza, o ensino de artes proibidas por Azazel, o nascimento dos Nefilins e sua fome desmedida, e o clamor da terra que sobe até os quatro arcanjos — Miguel, Rafael, Gabriel e Uriel — antes do julgamento divino.

USO NESTE EPISÓDIO

Fonte de toda a elaboração sobre os Vigilantes, o juramento no Hermom e a violência dos gigantes que o texto do Gênesis apenas insinua; base para a construção do mundo antediluviano da rainha e de sua corte antes do dilúvio.

ACESSO GRATUITO / DOMÍNIO PÚBLICO

Tradução completa de domínio público disponível em sacred-texts.com (Internet Sacred Text Archive) e no Pseudepigrapha Project (earlychristianwritings.com).

III

Manuscritos do Mar Morto

Livro dos Gigantes (fragmentos de Qumran, 1Q23, 2Q26, 4Q203, 4Q530-532, 6Q8)

Tradição literária associada ao ciclo enóquico; autoria anônima, comunidade essênia de Qumran

Composição	Categoria	Licença
Composição estimada entre os séculos II e I a.C.; manuscritos fragmentários datados por paleografia do mesmo período	Manuscrito fragmentário do Mar Morto	Acesso acadêmico aberto via bibliotecas digitais de domínio público

SOBRE A OBRA

Fragmentos que nomeiam individualmente os próprios gigantes — entre eles Oía e Aiate, filhos de Semyaza — narrando seus sonhos premonitórios sobre a destruição iminente e o recurso a Enoque como intérprete desses sonhos.

USO NESTE EPISÓDIO

Usado no episódio para demonstrar, com honestidade acadêmica, que a figura de uma rainha governando os gigantes não encontra menção direta nesses fragmentos — situando essa tradição especificamente nas camadas mais tardias, rabínica e cabalística, e não na literatura mais antiga do ciclo enóquico.

ACESSO GRATUITO / DOMÍNIO PÚBLICO

Transcrições e traduções de acesso público disponíveis na Leon Levy Dead Sea Scrolls Digital Library (deadseascrolls.org.il).

IV

Midrash Clássico

Bereshit Rabá (Gênesis Rabá)

Compilação rabínica anônima de tradições tanaíticas e amoraítas, Palestina romana

Composição	Categoria	Licença
Redação final estimada no século V d.C., incorporando material oral anterior	Midrash clássico (Palestina)	Domínio público (tradução Soncino de H. Freedman e M. Simon, 1939)

SOBRE A OBRA

Comentário que associa a beleza de Naamá, irmã de Tubal-Caim, à descida dos “filhos de Deus” mencionados no Gênesis, e que discute a identidade não revelada da mulher de Noé.

USO NESTE EPISÓDIO

Fundamenta a leitura de Naamá como figura de beleza excepcional ligada à transgressão dos Vigilantes, e introduz a duplicidade rabínica entre uma Naamá salva e uma Naamá ausente da arca que estrutura toda a segunda metade do episódio.

ACESSO GRATUITO / DOMÍNIO PÚBLICO

Tradução integral disponível em sefaria.org (Bereshit Rabbah).

V

Talmude Babilônico

Tratados diversos do Talmude Babilônico sobre a genealogia antediluviana

Compilação coletiva de acadêmias rabínicas da Babilônia; redação atribuída a Rav Ashi e Ravina

Composição	Categoria	Licença
Discussões orais anteriores compiladas e fechadas por volta dos séculos V–VI d.C.	Literatura rabínica clássica (Babilônia)	Domínio público (tradução Soncino, 1935–1948)

SOBRE A OBRA

Debates rabínicos sobre a identidade da esposa de Noé, incluindo a tradição que lhe atribui o mesmo nome, Naamá, mas como descendente da linhagem justa de Sete, distinta da Naamá de Caim.

USO NESTE EPISÓDIO

Fornece a base textual para a distinção, explicitada ao longo do roteiro, entre duas figuras homônimas — a Naamá salva, contada entre as oito almas da arca, e a Naamá de Caim, ausente dela — evitando que o episódio funda as duas tradições numa só.

ACESSO GRATUITO / DOMÍNIO PÚBLICO

Tradução integral de acesso gratuito em sefaria.org (Talmud Bavli) e halakhah.com (Soncino Talmud).

VI

Literatura Cabalística Medieval

Sefer ha-Zohar (O Livro do Esplendor)

Atribuído pseudoepigraficamente a Rabi Shimon bar Yochai (século II); composição efetiva atribuída pela crítica moderna a Moisés de Leão

Composição	Categoria	Licença
Composto e divulgado na Espanha (Castela) durante o século XIII d.C.	Literatura cabalística medieval	Domínio público (tradução parcial de S. L. MacGregor Mathers e edições de acesso livre)

SOBRE A OBRA

Descreve as quatro rainhas do lado esquerdo da criação — Lilith, Agrat bat Mahlat, Eshet Zenunim e Naamá — e a tradição segundo a qual Naamá, filha de Lameque, teria escapado ao dilúvio unindo-se a Samael, tornando-se espírito e rainha entre os demônios.

USO NESTE EPISÓDIO

Fonte central da tradição mais ousada do episódio: a transformação de Naamá antes do dilúvio, sua sobrevivência como espírito e seu lugar entre as quatro rainhas — sempre identificada no roteiro como o estrato mais tardio e especulativo de toda a tradição reunida neste documento.

ACESSO GRATUITO / DOMÍNIO PÚBLICO

Tradução de domínio público disponível em sacred-texts.com (The Zohar, trad. S. L. MacGregor Mathers / Nurho de Manhar).

VII

Filologia Comparativa e Estudos Críticos Modernos

Tabuinhas de Ras Shamra (corpus ugarítico) e Epopeia de Gilgamesh / Atrahasis

Escribas da antiga Ugarite (autoria coletiva) — corpus mesopotâmico de tradição sumero-acádica

Composição	Categoria	Licença
Tabuinhas ugaríticas datadas entre os séculos XIV e XII a.C.; versão acádica padrão da Epopeia de Gilgamesh compilada por volta do século VII a.C., com estratos mais antigos do II milênio a.C.; descobertas e decifradas a partir da década de 1920 em diante	Filologia comparativa do Antigo Oriente Próximo	Domínio público para os textos antigos; traduções acadêmicas de acesso variável

SOBRE A OBRA

Emprego do termo ugarítico ‘rapiuma’ para uma assembleia de espíritos ancestrais divinizados, e o relato mesopotâmico do dilúvio de Utnapishtim, com a tradição dos apkallu, sábios pré-diluvianos cuja sabedoria teria sobrevivido às águas em tabuinhas enterradas.

USO NESTE EPISÓDIO

Usado apenas como paralelo comparativo, sem sugerir relação direta de dependência, para situar a persistência da raiz linguística ‘refains’ e o impulso narrativo mais amplo, atestado em mais de uma cultura do Antigo Oriente Próximo, de imaginar exceções a um dilúvio universal.

ACESSO GRATUITO / DOMÍNIO PÚBLICO

Traduções de domínio público disponíveis em archive.org (Pritchard, Ancient Near Eastern Texts) e sacred-texts.com (Epic of Gilgamesh, trad. R. Campbell Thompson).

Este documento tem finalidade exclusivamente educacional e referencial. Ele reúne fontes de naturezas distintas — canônicas, apócrifas, rabínicas, talmúdicas, cabalísticas e filológicas — que não possuem o mesmo peso doutrinário entre si; o episódio ao qual este documento se refere identifica, em cada momento da narração, a qual dessas camadas pertence a informação apresentada, e nenhuma tradição pós-canônica aqui citada deve ser tomada como equivalente ao texto revelado das Escrituras.